

Agronegócio: protagonismo conquistado com resiliência

Adriano Machado
Sócio da PwC Brasil

O agronegócio vem sendo, ano a ano, o sustentáculo da economia brasileira. Mesmo em um ano atípico e até desastroso para outros segmentos da indústria em razão da pandemia, o setor manteve seus patamares de crescimento e deve fechar 2020 com 1,5% de ganho, conforme estimativa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Até mesmo em 2021, para o qual os especialistas anteveem dificuldades, o agribusiness deve sair ileso, com alta prevista de 1,2%.

Nos estados da região Sul o agronegócio tem especial relevância, visto que são fortes em diversas culturas. Nem mesmo a combinação da pandemia e fenômenos naturais (estiagem e nu-

vem de gafanhotos) tirou o protagonismo do agro para Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Conforme dados da Radiografia da Agropecuária Gaúcha 2020 do Governo do Rio Grande do Sul, por exemplo, a receita do agronegócio corresponde a 40% do PIB do Estado. No Paraná, cerca de 80% das exportações saem do segmento segundo o MAPA, sendo este o terceiro estado brasileiro mais expressivo neste quesito. Com Santa Catarina não é diferente, uma vez que o bom desempenho do agronegócio amenizou o ritmo de queda registrado este ano no estado catarinense.

Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), o Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio acumulou alta de 8,48% de janeiro a agosto em comparação com igual

período de 2019, registrando crescimento em plena pandemia, atribuído à safra recorde de grãos 2019/20 e à forte alta dos preços agropecuários, resultado do reforço da demanda, tanto interna quanto externa, e do câmbio favorável, que traz vantagens às empresas exportadoras do setor. Esta capacidade de resiliência do agronegócio vem sendo observada de perto pelo ranking Grandes & Líderes - 500 Maiores do Sul, elaborado pelo Grupo Amanhã em parceria com a PwC Brasil há 30 edições. O levantamento mostra que o desempenho do ramo no Sul vem indicando uniformidade ao apresentar pouca diferença nos últimos anos em seus principais indicadores.

Na mais recente divulgação, relativa ao exercício de 2019, das 82 empresas relacionadas direta-

mente ao segmento, as receitas líquidas somadas correspondem a R\$ 220.918 bilhões, 36% do total de companhias analisadas. Embora se atenham ao período anterior à pandemia, quando se falava em uma "retomada gradual", estes números provam o quanto o agro vem de algum tempo condicionando a uma atuação de destaque para a economia nacional. Investimentos em novas tecnologias, adoção de práticas modernas de gestão e aperfeiçoamento contínuo vem contribuindo sobremaneira para que os empresários do campo criem esta condição favorável ao crescimento. Porém, se já havia desafios, 2020 veio para colocar todos à prova. Independentemente do cenário, contudo, o agribusiness parece estar mais blindado do que outros setores e pronto para semear novas terras.



Investimentos em novas tecnologias, adoção de práticas modernas de gestão e aperfeiçoamento contínuo vêm contribuindo para que os empresários do campo criem condição favorável ao crescimento

Vieses inconscientes e a inclusão nas corporações

Cris Krerr

CEO da CKZ Diversidade, Mestre em Sustentabilidade e Professora de Diversidade da Fundação Dom Cabral

A pergunta é: será que você tem vies inconsciente? A resposta é sim! Todos temos vieses inconscientes e não temos como negá-los. Os vieses não são intencionais, eles são baseados nos preconceitos, estereótipos e crenças culturais, no entanto eles formam uma barreira invisível e muito poderosa que dificulta o avanço da diversidade e da inclusão nas corporações.

Temos uma imensa dificuldade em perceber nossos próprios vieses inconscientes, é o que chamamos de ponto cego (blind spot). É mais fácil identificarmos quando alguém está sendo preconceituoso ou estereotipando outra pessoa, do que percebermos a nós mesmos. Como o nosso cérebro tem que lidar com milhares de informações por segundo, para que consiga dar conta, ele procura por padrões que considera mais importantes e cria atalhos para reconhecê-los, como um piloto automático.

No entanto, esses atalhos têm uma desvantagem, eles são tendenciosos, pois são adquiridos ao longo da nossa vida, pe-

los nossos aprendizados e têm uma forte influência cultural. Essa vivência forma um poderoso sistema de estereótipos e crenças, que ficam gravados em nosso inconsciente e afetam as nossas atitudes e comportamentos. Por isso, preferimos as pessoas que pertencem ao mesmo grupo que o nosso, e temos uma forte tendência a nos afastar das pessoas que são diferentes.

Um dos vieses que mais impactam as corporações é o vies de afinidade, que é uma forte tendência que temos em selecionar, promover e avaliar melhor as pessoas que se parecem conosco e por quem sentimos mais afinidade. Essa afinidade pode ser: o gênero, a raça, a nacionalidade, a pessoa ter estudado na mesma faculdade ou ter o mesmo hobby que você, morar ou ser da sua cidade natal, ser da mesma religião, entre outros. Quando sentimos afinidade acabamos favorecendo a pessoa, sem que tenhamos esta percepção de forma consciente.

A interseccionalidade, que é quando a pessoa que se enquadra ao mesmo tempo em mais de uma categoria estereotipada (raça, etnia, gênero, orientação sexual, identidade de gênero,

deficiência, classe social), acentua ainda mais ainda o vies inconsciente, levando a desigualdade nas corporações. Como diz uma das maiores especialistas no tema, Mahzarin Banaji: "Nós preferimos acreditar que somos pessoas sem preconceitos, mas as pesquisas mostram o contrário. Esta é uma constatação desconfortável para a maioria de nós. O primeiro passo para derrotar nossos preconceitos inconscientes é ser honesto conosco sobre como realmente nos sentimos em relação aos outros grupos. Ter um vies não é o fim do mundo, a única vergonha é se você não fizer nenhum esforço para melhorar".

O primeiro passo é criar um espaço de diálogo seguro e construtivo na sua corporação para a tomada de consciência sobre os vieses inconscientes. É fator chave na desconstrução dos preconceitos arraigados, tratar o tema com empatia para que as pessoas não entrem no modo defensivo. Ampliar a consciência, combater o preconceito e multiplicar o conhecimento contribui não só para empresas mais justas e sustentáveis, como para um mundo que respeita e valoriza cada vez mais as diferenças.

Itaipu, uma usina de entregas

Joaquim Silva e Luna

Diretor-Geral brasileiro da Itaipu Binacional

Depois de implantar uma política de austeridade, com mudanças necessárias para essa conjuntura, a atual gestão da margem brasileira da usina de Itaipu prepara um pacote de entregas de obras estruturantes para a população da área de influência da usina, nos próximos dois anos. São obras e iniciativas que dão um novo perfil à região, e que vão permitir a consolidação e abertura permanente de frentes de trabalho e empregos consistentes para profissionais em busca de oportunidades.

Há pouco mais de um ano e dez meses à frente da diretoria geral brasileira, nossa gestão, seguindo os princípios da boa administração pública, e em consonância com as diretrizes do governo Bolsonaro, promoveu uma reestruturação na empresa. Era necessário um novo direcionamento, enxergando um horizonte de, no mínimo, quatro anos à frente. Era necessário reduzir sombreamentos de funções e concentrar toda a direção da empresa junto aos demais empregados, na base de comando da usina. Foz do Iguaçu, que apenas concentrava geograficamente a hidrelétrica, teria outro conceito. Não seria mais apenas uma sucursal, na prática, mas a protagonista. Afinal, é onde está instalada a maior geradora de ener-

gia limpa e renovável do mundo. Era necessário estabelecer uma relação colaborativa com a sociedade.

Feita a reestruturação, inclusive com o exemplo de termos vindo de imediato para Foz do Iguaçu com toda a diretoria, era necessário pensar com austeridade e transformar cada megawatt em entrega para nossa gente. O propósito era melhorar a cidade não apenas para os mais de 150 empregados que vieram transferidos de Curitiba e Brasília, mas, principalmente para seus moradores, que merecem a melhor contrapartida que Itaipu pode oferecer. São projetos como o de cidade inteligente, a segunda ponte sobre o Rio Paraná (já com metade da construção concluída), Perimetral Leste (que vai desviar o tráfego pesado do centro de Foz) e as melhorias nos aeroportos de Foz do Iguaçu e também de Cascavel.

A usina vai continuar investindo no turismo e em outras frentes importantes para dar o status que a cidade e a região merecem. Vêm muitas novidades, associadas a esses empreendimentos, por aí, antes de outro tema importante em que cada um de nós terá papel principal. "Nós", a quem me refiro, é a nossa gente. Porque, afinal, o amanhã já começou. E, com ele, desafios e muita vontade de trabalhar pelo desenvolvimento do Brasil e do Paraguai, e, por consequência, do nosso bem maior: as pessoas.